

constitutivos. A experiência da presença da imensidão de Deus permanece imediata; ao mesmo tempo, o espírito humano guarda sua função de mediador. A presença divina se revela e se desvela na realidade humana e nas faculdades sobrenaturais do espírito humano, mas a imensidão divina esconde misteriosamente seu mistério. Assim, a atividade da fé é fundamental para o desenvolvimento pleno da inteligência e da razão humanas, pois possibilita ao ser humano abrir-se mais plenamente ao divino e contemplá-lo com maior eficácia.

FOME, EPIDEMIA E CATOLICISMO EM SÃO PAULO (1918)

Pe. Dr. Ney de Souza

O texto apresentado a seguir retoma a situação no município de São Paulo em 1918, durante a epidemia da gripe espanhola. A crise gerada pela epidemia, que levou a população a uma grande dificuldade econômica e, portanto, à fome, são tratadas numa dinâmica analítica e de relação com o catolicismo popular, na perspectiva da criação de uma mentalidade em torno da grande catástrofe ocorrida.

A epidemia aconteceu durante o longo bispado de D. Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938). Na primeira parte será realizada uma retrospectiva panorâmica das atividades de D. Duarte e, em seguida, a análise dos acontecimentos da epidemia em 1918.

O BISPADO DE DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA (14/04/1907 – 13/11/1938)

Dom Duarte é filho do alfaiate português Bernardo Leopoldo e Silva, que jovem imigrou para o Brasil, e de Ana Rosa Marcondes Leopoldo. Era o mais velho de dez irmãos. Foi o primeiro arcebispo de São Paulo, nasceu em Taubaté no dia 4 de abril de 1867. No início de seus estudos queria ser advogado¹. Em 1844, concluiu o curso preparatório, que era anexo à Faculdade de Direito, em São Paulo. Em seguida, mudou seu caminho e foi para o Rio de Janeiro, ingressando curso de farmácia da Faculdade Nacional de Medicina. Estudava de dia e para manter-se lecionava aulas particulares à

¹ ACMSP Documentação avulsa Dom Duarte Leopoldo e Silva. Nessa pasta se encontra o passaporte de D. Duarte, número 424, de 13 de março de 1925. Nele, além da foto do arcebispo, as suas impressões digitais.

noite. Esse ritmo de vida causou-lhe sérios problemas à sua saúde. Foi obrigado a abandonar o curso no segundo ano e voltou para a casa dos pais em Caçapava para recuperar-se e pensar o futuro².

A ENTRADA NO SEMINÁRIO

A vida de Duarte toma um novo rumo quando viaja para São Paulo a fim de matricular-se no Seminário Episcopal. O reitor era o monsenhor João Alves Coelho Guimarães, o mesmo que o batizara.

Monsenhor João Alves não demonstra entusiasmo com a decisão do candidato ao sacerdócio. O reitor percebe em Duarte uma inquietação, uma crise, uma incerteza. Monsenhor João recomenda ao jovem que volte para o Rio de Janeiro e conclua o curso que havia interrompido. Duarte insiste e Monsenhor João Alves não o impede. Em 1887 foi matriculado no Seminário. Os cursos que havia freqüentado colocavam-no em um nível acima dos demais alunos. Passou a lecionar no Colégio Diocesano, que funcionava anexo ao seminário. Sua saúde continuava frágil e assim seria por toda a vida.

A direção do seminário decidiu que Duarte poderia iniciar imediatamente os estudos de Teologia. Era praxe que o futuro padre dispusesse de um patrimônio próprio, mas disto Duarte foi dispensado, pois não tinha a menor condição de atender à exigência. Dom Lino Deodato o ordenou sacerdote no dia 30 de outubro de 1892, na capela do seminário episcopal. Celebrou sua primeira missa em Caçapava.

D. DUARTE, ARCEBISPO DE SÃO PAULO

No início, dá continuidade aos projetos de seu antecessor, D. José de Camargo Barros (1904-1906). Em seguida, estabelece normas de organização

² Jornal *Lar Catholico*, 26 de maio de 1929.

para a cidade. O bispo preconiza uma divisão racional e ampla da diocese, com o objetivo de torná-la mais prática e governável. A idéia não era nova, o cardeal Arcoverde já cogitara o desmembramento da região Sul, dando-lhe como sede diocesana à cidade de Botucatu. D. Duarte queria um desmembramento maior e sua argumentação convenceu a Santa Sé.

No dia 7 de junho de 1908, o papa Pio X assinou o decreto que criava a Província Eclesiástica de São Paulo. São Paulo passa a ser Arquidiocese, com cinco dioceses sufragâneas: Taubaté, Campinas, Botucatu, São Carlos e Ribeirão Preto³. A criação do arcebispado⁴, por meio da bula *Dioecesium Nimiam amplitudinem*, é anunciada oficialmente pelo nuncio Alexandre Bavona no dia 18 de setembro. Dom Duarte toma posse como arcebispo na velha catedral em 11 de outubro de 1908. A cerimônia do recebimento do palio aconteceu somente no dia 29 de junho de 1909, na matriz de Petrópolis, celebrada pelo nuncio, com a presença do cardeal Arcoverde.

Em 7 de junho de 1908, Pio X escrevia: *Visto como o Exmo. e Revmo. Sr. Dom Duarte Leopoldo e Silva fora encarregado de reger a igreja catedral de São Paulo e muito se esforçou para erigir as novas sedes episcopais, Sua Santidade, em testemunho de sua peculiar benevolência para com ele, fã-lo Arcebispo da mesma Igreja de São Paulo, agora elevada à dignidade de Metropolitana, de modo que com o mesmo direito no futuro a reja, como agora rege...⁵.*

Dom Duarte foi o último bispo e o primeiro arcebispo de São Paulo. Foi arcebispo até 1938, quando faleceu.

³ Quando D. Duarte assumiu a diocese de São Paulo, o território era constituído de 234 paróquias e um total de 300 mil *almas*.

⁴ Com a criação do arcebispado, a diocese de São Paulo passava a contar com apenas 43 paróquias, as demais passavam a pertencer às novas dioceses: Botucatu (52), Campinas (35), Ribeirão Preto (36), São Carlos (28) e Taubaté (40).

⁵ Chancelaria do Arcebispado. *Arquidiocese de São Paulo. Histórico*. (Jose Albanez). p. 14.

A EPIDEMIA EM SÃO PAULO (1918)

Em maio de 1918, surgia na Espanha e depois na Alemanha, logo em seguida na Inglaterra, França, Itália, Holanda e Portugal uma gripe epidêmica, uma gripe de guerra que recebia o nome de gripe espanhola. No Brasil surgiu em outubro de 1918, na cidade do Rio de Janeiro, trazida por passageiros do vapor Demerara. O vírus da gripe encontrou condições favoráveis para se instalar: guerra, miséria, fome, má alimentação, frio, vida nas trincheiras. Assim, tomou forma grave e se alastrou.

Do Rio de Janeiro a gripe passou a São Paulo com uma enorme rapidez. Em São Paulo, para uma população de 528.295 habitantes, morreram de gripe, em 1918, cerca de 5372 pessoas. Os óbitos gerais chegaram a 14811.

A Igreja católica teve, num primeiro momento, uma participação modesta na ajuda aos necessitados. Ao contrario da Cruz Vermelha Brasileira, a Cúria Metropolitana, tradicionalmente responsável pela ajuda aos enfermos e necessitados, retardou sua inserção concreta no conjunto de entidades de socorro aos gripados⁶. Se no primeiro momento a Igreja católica se ateu a determinar as modalidades de atos litúrgicos específicos para serem celebrados em época de flagelo, a partir do momento em que o diretor do Serviço Sanitário, Artur Neiva, declarou limitada a intervenção deste órgão na crise, o arcebispo se empenhou na organização de um plano de ajuda aos carentes, modelando-se nas atividades já praticadas pela Cruz Vermelha.

A ação da Igreja tornou-se praticável graças às vultuosas doações feitas a ela, podendo D. Duarte contar com a maior verba posta à disposição de uma instituição não dirigida pelo Estado, durante a epidemia. Foram recebidos cerca de 253:500\$000 reis do próprio governo estadual e ainda outras significativas doações da Liga Nacionalista, da Associação Comercial e da Comissão Estado-Fanfulla, que elevaram os recursos de amparo aos necessi-

⁶ C. B. FILHO. *A gripe espanhola em São Paulo*. p. 188.

tados para a cifra de 342:359\$660 reis, montante que representava quase dois terços do dinheiro utilizado pela Prefeitura paulistana para o mesmo fim⁷.

As grandes deficiências dos serviços de socorros e a morosidade com que a Igreja executava suas propostas, inclusive a de inserir-se diretamente na luta contra a epidemia, foram parcialmente sobrepujadas a partir de fins de outubro, quando a Confêrencia de São Vicente de Paula, entidade formada por cristãos leigos, colocou todos os seus filiados à disposição de D. Duarte. A maior parte das atividades atribuídas à Cúria foi executada por aproximadamente 800 confrades vicentinos, distribuídos em 64 grupos, que atuaram praticamente em todo o Município de São Paulo e ainda em localidades vizinhas, notadamente em São Bernardo do Campo e Santo Amaro. Esta última área ainda não havia sido anexada ao território paulistano. O laicato, em relação ao clero paulistano, teve uma atuação de grande importância na organização e solidariedade efetiva com os enfermos.

Dentre as principais atividades desempenhadas pelos vicentinos, destacavam-se as visitas realizadas ao maior número possível de residências. Averiguavam o estado de saúde das famílias mais pobres; caso fossem localizados gripados, notificava-se ao Serviço Sanitário sobre as novas infecções e, onde fosse necessário, os confrades comprometiam-se a prover o transporte e a internação dos enfermos ou a aquisição de urnas funerárias e o sepultamento. Graças às doações, os vicentinos puderam ampliar a finalidade de sua atuação, e em meados de novembro, passaram a distribuir vales de alimentação.

A população pobre poderia conseguir comida gratuitamente ou, pelo menos, com substanciais descontos no preço. Os confrades eram orientados também a divulgar medidas curativas e preventivas, estipuladas pela Medicina e, ainda, a informar sobre os hospitais que dispunham de leitos vagos para o acolhimento dos enfermos⁸.

⁷ "Influenza Hespanhola", *O Estado de São Paulo*. 1/11/1918, p. 3.

⁸ "Gripe Hespanhola", *O Combate*. 19/11/1918, p. 3.

A agilidade e rapidez demonstradas pela Conferencia Vicentina no auxílio aos necessitados fez com que, em pouco tempo, essa entidade ganhasse ampla simpatia e apoio da população. Por outro lado, os paulistanos criticavam o arcebispo por anunciar como do clero paulistano as atividades desempenhadas pelos vicentinos, denunciando que a instrução dada por D. Duarte aos religiosos da cidade era a do isolamento nos conventos e seminários para que não sobreviesse o contágio⁹.

No início de novembro, era ainda reduzida a parcela de religiosos que havia efetivamente se engajado no combate à epidemia. Além do arcebispo, que foi designado para a coordenação dos socorros aos necessitados, dos vigários que atuavam nas paróquias e de algumas ordens femininas que serviam na enfermagem, o clero pouco atuou contra o flagelo, excetuando-se os monges beneditinos do Mosteiro São Bento, no centro da capital.

Quanto aos padres das paróquias, existentes no município - numericamente diminutos em relação ao total de sacerdotes residentes em São Paulo -, sua atuação foi de vital importância para os enfermos, principalmente nos distritos mais afastados. Coube aos vigários servir, mesmo que informalmente, como noticiadores das condições epidemiológicas e das mais prementes necessidades das áreas em que atuavam. Exemplo disto foi do vigário de Santana, que no decorrer de sucessivos dias alertou o arcebispo quanto ao Serviço Sanitário, sobre a urgência da instalação de um hospital em seu distrito, pois lá não havia nem médicos nem qualquer tipo de transporte motorizado que permitisse o deslocamento dos gripados para os hospitais situados na área urbana. O padre já havia tentado remediar a situação e, com o auxílio dos vicentinos, com escassas doações e uma carroça, percorria o vasto distrito de Santana, levando apoio espiritual, remédios e alimentos para as famílias mais

⁹ "Influenza hespanhola", *O Estado de São Paulo*. 2/11/1918, p. 4. Necessário ressaltar que os padres eram preparados para substituir os médicos junto aos enfermos. O exemplo disto se encontra no livro que contribuía para a formação sacerdotal: F. A. C. das NEVES (org.) *O padre junto aos doentes e moribundos*. 2 vols.

carentes. Depois de muita insistência, a Liga Nacionalista resolveu instalar um hospital no grupo escolar local, situado na Rua Voluntários da Pátria, no momento em que a epidemia aproximava-se de seu auge¹⁰.

Padres e vicentinos também foram vitimados pela peste e isso determinou a mudança de atitude do arcebispo, que passou a fomentar a maior participação do clero na campanha de socorro aos enfermos e necessitados, quando a influenza tornou-se mais avassaladora do que nunca. Diante disso, algumas ordens religiosas quebraram o isolamento e passaram a distribuir sopa à população incapacitada de adquirir alimentos, e o clero regular substituiu párocos enfermos. Assim, como outras associações religiosas, decidiram preencher os vazios causados pela epidemia nas fileiras vicentinas, dentre elas a Congregação Mariana, a Legião de São Pedro e a União de Santo Agostinho¹¹.

Devido ao engajamento de novos grupos católicos no problema sanitário e à continuidade das doações feitas à Igreja, D. Duarte pôde montar, ainda que tardiamente, 14 hospitais provisórios, quase todos em edifícios de escolas mantidas pelas ordens religiosas, o que equivale dizer que esses hospitais estavam localizados nos distritos centrais da cidade ou em suas vizinhanças. Por fim, em comunhão com a Liga Nacionalista, a Cúria Metropolitana instalou um orfanato com capacidade para 150 crianças. Sem uma explicação, esse orfanato, localizado na Rua Martinico Prado, na Consolação, foi, ainda, durante a epidemia, interdito pelo juizado de Menores da Capital, e as crianças foram distribuídas por vários internatos mantidos pela própria Igreja¹².

Os documentos do Arquivo da Cúria relatam que dois terços das verbas recebidas pela igreja Católica foram aplicados na compra, preparo e distribuição de alimentos para a população carente, restringindo-se a outra terça parte

¹⁰ Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. Presidente do Estado pela Cúria Metropolitana de São Paulo. p. 238.

¹¹ *Ibidem*. p. 242.

¹² *Ibidem*. p. 244.

à manutenção dos hospitais provisórios, do orfanato e na aquisição de medicamentos¹³.

Apesar das inúmeras críticas no que concernia à escassez de sacerdotes junto à população durante o período crítico da saúde pública paulistana, terminada a epidemia, a Igreja recebeu inúmeras homenagens, inclusive do próprio Vaticano. Em mensagem datada de 24 de maio de 1919, o papa Bento XV assim se referiu ao luminoso exemplo oferecido por D. Duarte Leopoldo e Silva: *Tristes e alegres notícias há pouco daí recebemos: pois com a que nos veio acerca das proporções vastíssimas que entre vós, como por quase todo o mundo, assumiu a epidemia, também chegou a do que foi empreendido por tua caridade e constância e que tem sido encomiado por forma que se não poderia desejar melhor. Realmente, quando, segundo se fez notório, a tal ponto chegaram às coisas que, os que não haviam sido atingidos pelo morbo, eram empolgados pelo medo e ante o vasto espetáculo da morte se retraíam de prestar serviços, tu, fazendo-te não ouvinte esquecido mais praticante ativo das obras do bom pastor, acudiste ao teu rebanho com todos os benefícios da caridade, expondo ate a vida... Cresceu em extremo a nossa benevolência pra contigo!*¹⁴.

Quanto aos beneditinos, estes desenvolveram uma grande atividade durante a epidemia. Sendo uma das ordens de maior prestígio e riqueza da cidade e, não obstante as pesadas dívidas assumidas quando da construção de seu novo edifício, a Ordem Beneditina, logo após a suspensão das aulas de seu colégio, no dia 28 de outubro, adaptou o pavilhão de esportes da escola, transformando-o num hospital provisório com capacidade para 100 leitos¹⁵. Ainda que subordinado à Cúria Metropolitana, esse hospital nada recebeu em espécie ou dinheiro de D. Duarte, dessa forma, sua instalação e manutenção ficaram a cargo dos próprios monges. Além dos beneditinos, o governo es-

¹³ ACMSP 9-3-11. Existe um documento em latim acompanhado de uma tradução para o português.

¹⁴ 'Hospital de São Bento'. p. 40.

¹⁵ Ibidem. p. 41.

tadual e a Cruz Vermelha colaboraram para a manutenção do hospital com remédios e mantimentos.

Apesar do número significativo de leitos existentes no hospital de São Bento, até meados de dezembro foram atendidos somente 140 enfermos, muitos deles acometidos por outras enfermidades que não a gripe. O número de leitos preenchidos nunca ultrapassou a casa dos 60. O subaproveitamento do pessoal destacado para atuar nesse hospital, permitiu que os monges se engajassem em outras formas de auxílio à população. Tradicional ponto de distribuição de sopa para os pobres, durante a epidemia, os sacerdotes do mosteiro de São Bento intensificaram essa atividade, tornando-se responsáveis pela organização de trens de socorro que visitavam o bairro do Pari, situado no distrito do Brás, levavam alimentos à população trabalhadora, com distribuição diária de não menos que 700 porções de sopa¹⁶.

RELIGIOSIDADE E A GRIPE DE 1918

Quando se trata de uma questão de epidemia, de saúde pública, o discurso médico é o predominante. No caso da gripe espanhola, aparecia um outro discurso que visitava o imaginário da população paulistana: a morte, e o fim do mundo. Tudo isso foi devido ao desconhecimento e ao medo inspirados pelo flagelo. A epidemia foi miticamente interpretada como um acontecimento mais trágico da conjunção de flagelos que marcou os anos de 1917-1918: a guerra, a peste e a fome nada mais representavam que um único movimento, produto da ira divina, anúncio de que o tempo do apocalipse aproximava-se. Neste caso, é possível falar de um medo profano e de uma outra forma de medo, o sagrado. Ambas as expressões mostravam-se complementares e por fim, fundidas em um único discurso.

¹⁶ C. B. FILHO. *Op.cit.* p. 193.

A doença perdeu sua qualidade substantiva para ser entendida como um elemento adjetivador – a marca de um tempo nefasto, o símbolo de um mundo em irremediável extinção¹⁷. Tudo era percebido como tocado pela degeneração. O homem se mostrava corrompido, tornando-se mais e mais perverso, ganancioso e mau. Tais constatações instigaram um *católico não romano* a se pronunciar publicamente: *o espiritismo consiste na cultura do amor ao próximo, extirpando todos os maus sentimentos de nossos corações. Assim ele transformará o mundo num paraíso, exterminando as pragas que nos infernam, tais como: a peste, a fome, a guerra, geada, lagarta rosada, padre, gafanhoto e outras*¹⁸.

Apesar da presença da voz espírita ser uma constante no momento agudo da epidemia, mais importante que ela, para o estudo da visão trágica do Homem e do Mundo, que se revelou claramente nos últimos meses de 1918, foi o discurso do Catolicismo. A principal peça documental para a análise do discurso mítico apocalíptico é o texto da “Missa em tempo de mortandade ou de epidemia”, cerimônia que D. Duarte determinou que fosse celebrada diariamente em todas as igrejas do município enquanto perdurasse o flagelo¹⁹.

Conhecida em latim como a *Missa pro vitanda mortalitate, vel tempore pestilentiae*, esta celebração, em tudo contribuía para a confirmação da gripe espanhola como fruto da decisão divina de punir a parcela da humanidade que se recusava a obedecer aos princípios e dogmas cristãos. Nessa cerimônia, o sacerdote obrigatoriamente se apresentava aos amedrontados fiéis, ornado de paramentos roxos e, no decorrer da celebração, levava aos presentes a mensagem de que Deus Todo Poderoso enviara a peste, não como meio de extermínio da humanidade mais, como forma de penitenciar os pecadores²⁰.

¹⁷ S. SONTAG. *A doença como metáfora*. p. 57-70.

¹⁸ “Contra as pragas”, *O Estado de São Paulo*. 27/10/1918, p. 8.

¹⁹ “Culto Católico”, *A Gazeta*. 24/10/1918, p. 3.

²⁰ “Missa em tempo de mortandade ou epidemia”, em G. LEFEBVRE. *Missa Quotidiano e Vespéral*. p. 1766-1769.

O centro da missa recaía no Capítulo 24 do Segundo Livro de Samuel. Ali é narrada a pestilência que o Senhor fez abater sobre o povo de Israel, então liderado por Davi, este havia se afastado dos ensinamentos de Deus. Segundo o enredo bíblico, a epidemia constituía assim a punição de um povo pecador. Ordenada a devastação, 70 mil homens foram mortos pela ação do Anjo Exterminador e muitos outros seriam sacrificados se a misericórdia divina não interrompesse o terrível flagelo. Antes de terminado o prazo da punição, o Senhor reconciliou-se com o povo pecador, levando Davi e todos os sobreviventes a uma vez mais se submeterem à ordenação divina e, como prova da aliança entre Deus e os Homens, erigir novo altar ao Senhor, assim como lhe oferecer holocaustos e outros sacrifícios pacíficos²¹.

Do mesmo modo que a espírita, a explicação católica da epidemia de 1918 era dada pela separação entre os Homens e Deus, e nesse sentido, a remissão dos pecados e a prática da caridade seriam o único caminho para a reconciliação, só assim cessaria a penitência imposta a toda a Humanidade²².

O perdão divino parecia nunca chegar, o que levou as pessoas a se afastarem da impotente ciência e procurar na explicação sagrada a chave para a salvação coletiva. Apesar dos conselhos sanitários, as igrejas registravam, durante a epidemia, uma visitação maior que no período anterior à peste. Os jornais passaram a abordar com grande frequência o movimento religioso, informando os horários das missas e ladainhas, mesmo que a Igreja Católica houvesse abreviado em número e extensão as suas celebrações diárias. Da mesma forma, os anúncios de medicamentos contra a gripe passaram a contar com ilustrações em que era freqüente a utilização de motivos religiosos: a cruz dos cristãos foi um dos sinais mais explorados, com o destaque, também, para a presença da imagem de São Jorge, exterminando o dragão, identificado com a influenza. Em uma das propagandas do dentifício Lidol, produto indicado como preventivo gripal, uma mão, presumivelmente a divina, saía das nuvens e indicava um frasco do remédio anunciado.

²¹ *Ibidem*. p. 1767.

²² P. MOUTINHO. *Fatalidade e fé*. *A gazeta*, 30/10/1918, p. 2.

Intensificavam-se os atos litúrgicos que clamavam pela intercessão divina, que tardava a abrandar o flagelo. Aconselhava-se a recitação de ladainhas, que deveriam ser rezadas unicamente pelos fiéis em suas casas, já que as procissões penitenciais eram inviáveis naquele momento. Na imprensa, acumulavam-se artigos que, se raramente imploravam a Deus o fim da epidemia, discutiam a explicação religiosa de uma crise sanitária tão intensa.

Nesse contexto e clima, o farmacêutico diplomado e futuro historiador de São Paulo, Nuto Sant'Anna, publicou um longo artigo, significativamente intitulado *O fim...*, no qual deplorava a falibilidade de todos os que tentavam vencer a influenza, de médicos e administradores públicos a pitonisas e charlatães. O jornalista voltou-se para o que denominou de 'sabedoria popular', compondo um ilusório diálogo com um homem do povo. E era este que explicava a gripe espanhola: *Tudo isso é castigo. Já não há religião. Quando foi que se viu, como agora, tanta imoralidade?... Não vêem logo que a epidemia, que aumenta em bagalhões de misérias e mortes, numa aversão fabulosa de tudo, mais não é do que um prenúncio bíblico. Das centenas de milhares de cadáveres, que, apodrecendo em pungitibo espetáculo, juncaram e juncam as terras malfadadas da Europa herege e dissoluta, saiu, a invadir oceanos e continentes, esta doença, este desespero, esta maldição?*²³. Ponderações como esta se multiplicavam, e refletiam as dimensões que assumira o drama epidêmico. A gripe foi redefinida, transmutando-se mais do que nunca em um objeto sagrado de especulação.

Mais do que difícil, tornava-se penoso viver na Paulicéia epidêmica e amedrontada. Quando chegou o Dia de Finados, as observações sobre a data, sempre ligadas à saudade daqueles que já tinham falecido, foram substituídas por um discurso pesaroso, no qual a morte passou a ser um fato desejável. Os homens atormentados pela epidemia invejavam os que já tinham falecido: *Felizes os mortos, que não mais experimentarão o ludíbrio das contradições do século, porque para eles cessou a prova do Destino, e dormem*

²³ N. SANT'ANNA. 'O fim...'. *Correio Paulistano*, 31/10/1918, p. 1.

*neste berço adorável, que é o da libertação de todas as injustiças do mundo e de todos os escarcéus e tristezas da passagem terrena*²⁴.

Os horrores da epidemia conviviam, lado a lado, com a euforia que se intensificava. Tudo lembrava o flagelo: homenagens eram prestadas a diversas personalidades e instituições que participaram do socorro à população, e a Confederação de São Vicente organizava contínuas procissões à Igreja de Nossa Senhora da Penha para agradecer a Deus pelo declínio da epidemia.

No dia 22 de novembro, D. Duarte ordenou a suspensão da celebração da missa específica para tempo de peste e exortou os vigários e fiéis a substituí-la pela Missa dos Enfermos e pelas rezas endereçadas ao Nosso Senhor e a Maria Santíssima pela salvação das almas dos mortos da epidemia²⁵. Além dessa decisão religiosa, outro evento denunciava o recuo da gripe. No dia 29 de novembro, quando o diretor do Serviço Sanitário compareceu na Rua São Bento, no prédio onde estava alojada a sede da Liga Nacionalista, realizou-se uma cerimônia na qual todas as autoridades presentes pronunciaram-se, exceto o próprio Artur Neiva, que se limitou a arriar a bandeira de socorro que havia sido hasteada no primeiro dia da epidemia²⁶. A epidemia se encaminhava para o fim.

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

ACMSP (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). Armário 9, prateleira 3, numero 11).

ACMSP Documentação Avulsa de D. Duarte Leopoldo e Silva.

Periódicos: *O combate*, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Fanfulla*, *A Gazeta*.

²⁴ Simões Junior. 'Festa dos mortos'. *Correio Paulistano*, 2/11/1918, p. 1.

²⁵ ACMSP *O Estado de São Paulo* 22/11/1918, p. 5.

²⁶ 'Influenza hespanhola', *O Estado de São Paulo*, 30/11/1918, p. 4.

- Chancelaria do Arcebispado de São Paulo. *Arquidiocese de São Paulo. Histórico*. (José Albanez).
- BARROS, E. L. de. Desenvolvimento e planejamento urbano em São Paulo durante a República Velha. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. v. 45, n. 195 (1982) 33-48.
- BARKEN, J. C. *La peur et la mort*. Paris: Marabout, 1972.
- BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo 1918. Epidemia e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- BIRABEN, J. N. Epidemias e historia da população, in MARCILIO, M. L. (org.). *População e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 110-136.
- BRUNO, E. da S. *Historia e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hucite, 1984.
- CARONE, E. *A República Velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1975.
- MERHY, E. E. *O capitalismo e a saúde pública*. Campinas: Papirus, 1985.
- NEVES, F. A. (Coord.). *O padre junto aos doentes e moribundos*. Porto: Centro de Propaganda Religiosa em Portugal e Brasil, 1907.

Pe. Ney de Souza é doutor em História da Igreja.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

JUDAS NA TRAMA DAS REALIDADES SIMBÓLICA E DIABÓLICA: INSTRUMENTO DE DEUS OU DE SATANÁS?

Pe. Dr. César Teixeira

1 - INTRODUÇÃO

O traidor foi recebido como uma incógnita e a traição como um escândalo por Jesus não tê-lo separado da íntima comunidade de mesa. Essa incógnita e escândalo aparecem na medida em que se constata justamente o mal agir de Judas, mas também sua existência como um discípulo do Senhor, um de seus eleitos que comia com Ele e O escutava por muito tempo. Assim sendo, de fato, a comunidade primitiva haveria de se perguntar como poderia Cristo aceitar um ladrão e traidor entre seus íntimos seguidores? Como poderia isto acontecer? Somente depois que a jovem Igreja respirou ares de tranquilidade, diante dos constantes ataques advindos dos poderes do mundo pagão, é que encontrou bases sólidas para compreender a traição de Judas, o discípulo de Keriot. E foi Orígenes quem por primeiro se ocupou com os terríveis problemas históricos e teológicos do evento da traição. Seus pontos de vista serviram de base para as teologias que dependeram destes por muito tempo¹.

O presente artigo quer destacar, além de abrir os horizontes para outras questões, o conflito que a pessoa de Judas, o traidor, representou nos primórdios da Igreja. Esta reflexão tem como ponto de partida o seguinte texto de Mc 14,21:

¹ BROWN, R. E. *The Death of the Messiah, From Getsemane to the Grave*. Vol. 2. New York-London 1994, p. 1396: "The figure of Judas scarcely helped the Christian image; Indeed an opponent like Celsus could point to him as an erroneous choice by the supposedly divine Jesus (Origen, *Contra Celsum* 2.1)". Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot*. Church History 22 (1953) 253-254.